

Foz Côa:

Inscrita na Pedra

Preservação das Gravuras

História de Foz Côa

Universidade

Valores Simbólicos

Notas e Comentários

Ciência

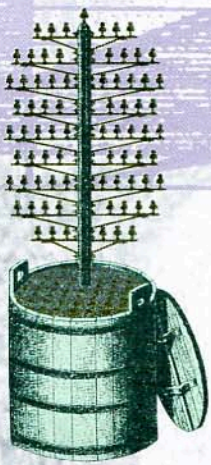
Tecnologia do Mar

Arquitetura

MicroStamps

U N I V E R S I D A D E D O P O R T O

Boletim



Ficha Técnica

Director
Alberto Amaral,
Reitor da Universidade do Porto

Sub-Directora
Prof.ª Teresa Lago (FCUP)

Coordenação Editorial e Redacção
Maria Isabel Pacheco (coordenadora)
Paulo Gusmão Guedes (coordenador adjunto)

Conselho editorial
Prof. Alexandre Alves Costa (FAUP),
Prof. Arnaldo Saraiva (FLUP),
Prof. Jorge Olímpio Bento (FCDEF),
Prof. José Madureira Pinto (FEP),
Prof. Manuel Sobrinho Simões (FMUP),
Prof. Paulo Tavares de Castro (FEUP).

Coordenador do número
Alberto Amaral

Arranjo Gráfico
Incomun

Fotografia
Duarte Belo; pp. 12-15, cortesia do Plano Arqueológico do Côa; p. 44, cortesia da Câmara Municipal de Matosinhos; p. 48, cortesia do Museu de Ciência da UP.

O Boletim agradece o apoio da Associação Projecto Património.
Os desenhos de António Quadros são uma cortesia de José Forjaz.

Colaboradores neste número
Agostinho Álvares Ribeiro, António Manuel Figueiredo, António M. Galopim de Carvalho, António de Sousa Pedrosa, Carlos A. Brochado de Almeida, Cesário de Matos, Francisco Ribeiro da Silva, Gaspar Martins Pereira, Joaquim Moreno, José Forjaz, José Mattoso, Jorge Figueira, Luís Aires-Barros, Luís Miguel Duarte, Maria Angeles Querol, Maria Ondina Figueiredo, Nelson Rebanda, Rui M. V. Cortes, Vitor Oliveira Jorge.

Publicação periódica
n.º 25 - Ano V, 1/Junho 1995

Propriedade:
Fundação Gomes Teixeira

Redacção:
Rua D. Manuel II - 4003 Porto Codex
Telf. 6004981 (ext. 32)
Telefax 6001724

Registo na D.G.C.S.: 114891
Depósito legal: 41283/90

ISSN: 0871-7249

Tiragem: 7.000 exemplares

Preço por número: 500\$00
Assinatura anual (4 números): 2.000\$00

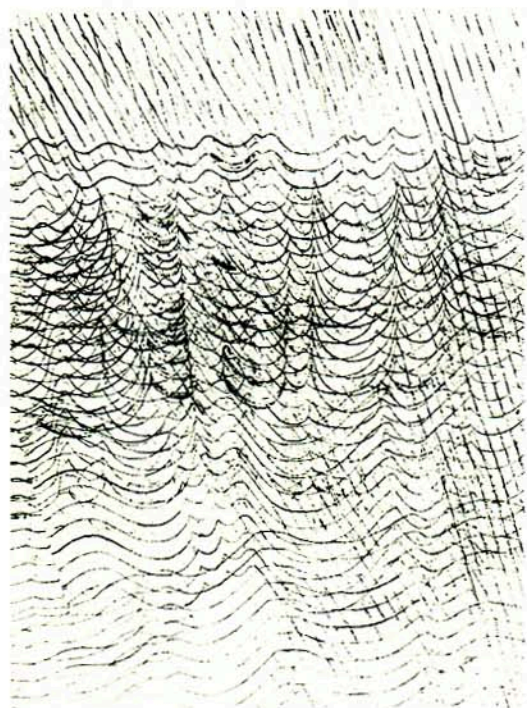
Execução gráfica:
Edições Afrontamento, Lda
R. Costa Cabral, 859 - 4200 Porto

É proibida a reprodução de artigos, gráficos ou fotografias sem a autorização escrita do Director.

Sumário

- 2 **Editorial**
- Painel**
“Foz Côa - Inscrita na Pedra”
- 5 **Côa: Cosmos ou Caos?**
Vitor Oliveira Jorge
- 11 **Barragem de Vila Nova de Foz Côa**
Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre
Nelson Rebanda
- 17 **Foz-Côa**
Portugal e a gestão global da água na bacia nacional do Douro
A. Álvares Ribeiro
- 21 **A Preservação das Gravuras: 2 depoimentos, 4 pareceres**
Reflexões sobre os estudos para preservação das gravuras rupestres do Côa, *Luís Aires-Barros (21)*
Considerações sobre a preservação das gravuras rupestres do Côa, *Maria Ondina Figueiredo (24)*
Parecer 1, *António M. Galopim de Carvalho (25)*
Parecer 2, *Departamento de Minas da FEUP (25)*
Parecer 3, *Rui M. V. Cortes (26)*
Parecer 4, *António de Sousa Pedrosa (26)*
- 27 **Fragmentos da História de Foz Côa**
Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização na Bacia Inferior do Rio Côa
Carlos A. Brochado de Almeida (27)
Ribacôa na Idade Média: quando o fim do mundo era ‘centro do mundo’
Luís Miguel Duarte (29)
Vila Nova de Foz Côa na Época Moderna
Francisco Ribeiro da Silva (30)
Notas para a História Contemporânea de Foz Côa
Gaspar Martins Pereira (33)
- 37 **Uma Digressão Intimista e Amarga pelas Oportunidades de Desenvolvimento de Trás-os-Montes e Alto Douro ou a Perversão Exemplar do Processo das Gravuras Rupestres do Côa**
António Manuel Figueiredo
- 42 **Universidade**
Valores Simbólicos, *José Mattoso (42)*
La Foz del Côa, marco perfecto para un parque cultural, *M. Angeles Querol (43)*
- 44 **Notas e Comentários**
Centro de Ciências e Tecnologias do Mar (44)
António Quadros, Professor, *José Forjaz (46)*
3 textos sobre António Quadros: *Jorge Figueira, Joaquim Moreno, Cesário de Matos (48)*
MicroScapes (48)

Fragmentos da História de Foz Côa



Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização na Bacia Inferior do Rio Côa

Carlos A. Brochado de Almeida

Ao longo de um percurso sinuoso e acidentado, o Rio Côa recebe as águas de uma vasta rede subsidiária, com destaque, já na Região Demarcada do Douro, para os Ribeiros dos Piscos e de Massucime, os quais, no seu conjunto, formam a bacia inferior. Salvo raríssimas exceções, é um curso de água fortemente encaixado, rompendo num sistema orográfico pautado por fortes depressões e vales de agrestes e rochosas paredes, onde maioritariamente predominam os xistos e, em menor escala, os granitos.

Em termos físicos, é uma região de fortes assimetrias, já que o vale do Côa contrasta com a vasta zona planáltica, orograficamente mais equilibrada, mas menos interessante do ponto de vista agro-económico. Serão aliás as características do subsolo, aliadas a certas diversidades climáticas, que irão determinar, ao longo da Idade do Ferro e da romanização, certas e determinadas valências ocupacionais. Ao contrário da área planáltica, onde as chãs e os lameiros alternam com solos demasiados pedregosos, as encostas voltadas aos cursos de água e os vales fortemente encaixados são favorecidos com um micro-clima de cariz mediterrânico, situação que, após ciclópicos trabalhos que transformaram vertentes fragmentadas em terraços socalcados, permitiram a cultura do trigo, de cevada e, naturalmente, da oliveira e da vinha.

A reduzida densidade de povoados da Idade do Ferro na bacia inferior do Côa está directamente relacionada com as características geomorfológicas que imperavam na região, agravadas pela ausência de tecnologias susceptíveis de alterarem o *facies* de uma região física e climatericamente agreste. As mudanças do povoamento, a procura de novas formas de *habitat*, a introdução de soluções técnicas propiciadoras de um aproveitamento mais sistemático de solos agricolamente rentáveis só ocorrerão quando indígenas, impregnados da nóvel mentalidade romanizadora, descerem para as chãs e encostas e diversificarem as culturas.

O povoamento castrejo é parco, centrando-se, sobretudo, na faixa planáltica, situável entre o Rio Côa e o Rio do Vale da Vila. Aqui se encontram os castros do Espinhaço e dos Castelos (Santa Comba) e os do Tapadão e do Curral da Pedra (Chãs). Na margem esquerda do Rio do Vale da Vila documenta-se o castro de Longroiva, com claros índices de romanização, como na margem direita do Côa se destaca o castro do Fumo, pertencente à freguesia de Almendra. Excluído deverá ser, em princípio, o Castelo Velho de Freixo de Numão, já que as intervenções arqueológicas aí realizadas mostraram ocupações relacionadas

com o Calcolítico e a Idade do Bronze (Jorge, 1993).

Breves reflexões nos merecem estes *habitats*, nunca arqueologicamente intervencionados, conhecidos somente por vestígios de superfície que vão das mós manuais às cerâmicas de fabrico indígena, dos sistemas defensivos com panos de muralhas ainda relativamente bem conservados às habitações que primam pela redondez. São, no geral, povoados de pequenas dimensões, alcandorados no cimo de montes de vertentes escarpadas, próximos de linhas de água, defendidos por muralhas de pedra que aproveitam, o mais sabiamente possível, a penedia existente. São *habitats* que gerem os recursos existentes, nomeadamente os mineiros, com primazia para o estanho e provavelmente o chumbo, no decurso da romanização (Trabulo, 1992). São povoados cuja distribuição espacial obedece à exploração de territórios potenciais mais ou menos alargados, consoante a geomorfologia, à acessibilidade às matérias-primas e aos solos de aptidão agrícola. Em qualquer dos casos, a impressão que nos fica é a de terem sido *habitats* de fracas potencialidades económicas, situação que tenderá a mudar com o advento da romanização.

A reorganização administrativa no tempo de Augusto conduziu à delimitação dos *territoria* das *civitates* (Alarcão, 1988). É nesta linha de acção que o território compreendido entre a Ribeira de Teja e o Rio Côa pertencerá aos *Aravi*, estando a capital da *civitas* em Marialva, localidade de onde provém uma ara consagrada a Adriano e se conhece uma importante necrópole do séc. II/III (Rodrigues, 1961). Paralelamente, à *civitas* Meidubrigenses pertenciam um território que, transposto o Côa, se estenderia até à Serra da Marofa (Alarcão, 1988). Por sua vez, Freixo de Numão poderá ser a presumível herdeira de uma *civitas* cujo território se situaria entre o Rio Côa e o Rio Tedo. Problemático, no entender de Jorge Alarcão, será considerar-se Calábria (Castelo de Calabre) como sede de uma *civitas* cujo território englobaria a margem direita do Côa (Alarcão, 1988).

Os povoados castrejos acima referidos passaram então a integrar os territórios das *civitates*, sem abandonarem o tradicional *modus vivendi*, todavia abertos às novidades. Será dentro desta linha de orientação que alguns deles adoptam novos modelos urbanísticos, que surgem novas formas de *habitat* — *vicci*, *aedificiae*, *villae* —, que se intensifica a exploração de certas matérias-primas, que se diversifica a actividade agrícola com o aproveitamento de novas terras e a introdução de espécies exógenas, caso da oliveira e da vinha.

Continua-se a viver no interior dos espaços amuralhados, mas as encostas, as ladeiras e mesmo os vales mais profundos ganham vida. Multiplicam-se os casais, nascem as *villas*, constroem-se templos (Frade, 1991), dedicam-se aras (Brandão, 1959), rasgam-se ou adaptam-se velhas veredas em funcionais estradas. Nos cinco séculos de ocupação romana, a paisagem

multifacetada da bacia do Côa ganha cor, movimento e gradualmente adquirirá a dimensão humana que hoje ostenta.

Numa análise sumária às estações com índices de romanização, diremos que, na fase inicial, os indígenas que abandonaram o tradicional amuralhado se instalaram nas encostas e ladeiras próximas dos antigos *habitats*, enquanto os sucessores do Baixo Império preferiram zonas de vale, mais próximas dos cursos de água, como é o caso da ocupação de Sequeira (Horta), com um tesouro de *numismas* (Hipólito, 1960-61), e das Quintas da Barca e de St.^a Maria, esta com uma importantíssima ocupação que se estende do séc. IV à Idade Média.

Observar o mapa dos achados romanos é fazer um criterioso levantamento dos melhores solos agrícolas, actualmente ocupados por oliveais e vinha de benefício. Para isso contribuem os solos silúricos, os vales abrigados e naturalmente o clima de cariz mediterrânico. É em zonas como Longroiva (Rodrigues, 1957), aro de Freixo de Numão (Alarcão, 1988 a e b), nas Quintas da Barca e St.^a Maria e, em certa medida, em torno de Chãs (Trabulo, 1992) e em redor da Quinta de Pero Martins (Maia, 1974-77), que se encontram casais, *villas*, necrópoles e uma certa abundância de *dolia* que, conjugadas com a relativa ausência de ânforas e as largas dezenas de lagares cavados na rocha, pressupõem uma certa actividade em torno da exploração e armazenamento do vinho. Neste caso, os muitos vales que constituem a bacia do Côa não diferem do que já se conhece de outras regiões do Douro, onde o vinho, desde o início da romanização, se afirmou como um dos seus principais vectores económicos (Almeida, 1992-93).

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de, (1988 a), *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins.
 ALARCÃO, Jorge de, (1988 b), *Roman Portugal*, Warminster.
 ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, (1992-93), *O Passado Arqueológico de Carlão - Alijó*, Portugal, XIII-XIV.
 BRANDÃO, D. Domingos de, (1959), *A Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Fozcoa*, Humanitas, XI.
 FRADE, Helena, (1991), *O Templo Romano de Almofala*, Figueira de Castelo Rodrigo.
 HIPÓLITO, Mário de Castro, (1960-61), *Dos Tesouros de Moedas Romanas em Portugal*, Conimbriga, II.
 JORGE, Susana Oliveira, (1993), *O Povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no Contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal*, TAE, 33 (1-2).
 MAIA, Manuel, (1974-77), *Villas Romanas do Território Enteranniense*, AP, VII-XI, 3^oS.
 RODRIGUES, Adriano Vasco, (1957), *Prospecções Arqueológicas na Região de Longroiva*, Coimbra.
 TRABULO, Joaquim, (1992), *Chãs de Foz Côa, A Sua História e a Sua Gente*, Vila Nova de Gaia.

O autor é Assistente Convidado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coordenador da Linha de Investigação em História Antiga do GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (JNICT/FLUP).